

## UM CONVITE AO LEITOR: HOMENAGEM A NOÉMIA DE SOUSA

Jaqueline Oliveira<sup>1</sup>

Quando me dispus a conhecer as riquezas escondidas nos textos das literaturas africanas, não imaginei encontrar essa voz, essa voz feminina, que entoou o canto o poético em nome de milhares de moçambicanos e moçambicanas e de tantos outros africanos, que sob a nuvem do racismo e da escravidão, jamais poderiam ser ouvidos. Mas de quem é essa voz que se levantou para clamar por justiça e liberdade? De quem é a voz que denunciando o colonialismo português nos convida a conhecer esse pedaço de pau preto, África? Essa voz é de Noémia de Sousa.

E quem é Noémia de Sousa? Os caros leitores podem perguntar.

Para Carmem Lúcia Tindó Secco (2016) ela é a dama da poesia moçambicana, Francisco Noa (2016) descreve sua poética como emocionada, Aldino Muianga (2016) a declara “mãe poeta, poeta -mãe”, Fátima Mendonça (2016) a define como uma pedra no charco, Mia Couto (2016) proclama que “ela era o poema e a poesia”, e para quem vos escreve, caros leitores, Noémia é aorta do sistema literário moçambicano nos finais dos anos 40.

Nasceu em Catembe, em uma casa à beira-mar, em 20 de setembro de 1926, sob o sol

que brilhava no Índico, onde gaivotas pairavam no céu azul. Morreu em 04 de dezembro de 2002, em Cascais, Portugal, um ano após a publicação da sua obra *Sangue Negro*. Sua trajetória literária iniciou-se ainda cedo, tinha apenas dezenove anos quando publicou no jornal Mocidade Portuguesa o poema *Canção Fraterna*, assinado com as iniciais N.S. Na época, gerou alvoroço a identidade da poeta, e durante muito tempo especulou-se que o texto seria de seu irmão, Nuno Abranches.

Consciente das mazelas que sofria seu povo, Noémia era uma mulher destemida, e que não demonstrava medo de represálias. Com uma poética de cunho denunciativo e que se opunha ao imperialismo da coroa portuguesa, tornou-se uma das colaboradoras do jornal *O Brado Africano* e, junto com Rui Noronha, Marcelino do Santos (Kallungano), José Craveirinha, Orlando Mendes, Augusto do Santos Abranches, Virgílio Ferreira, Aníbal Aleluia, Rui Nogar, Rui Guerra, Vergílio de Lemos, Ilídio Rocha, Vieira Simões, João e José Abasini, Sobral de Campos e outros, fez parte da geração que, de acordo com Francisco Noa (2017), foi responsável por uma literatura que vincada, sistemática e conscientemente, se procura afirmar como Moçambicana.

Em sua curta trajetória literária (Noémia escreveu apenas por três anos), deixou-nos uma grande lição: não vencemos uma luta apenas com armas, mas com a alma, o coração e as palavras. Seu canto é um canto que acolhe e recolhe a voz das prostitutas, dos anciãos, dos

trabalhadores que morreram nos campos de algodão, ou nas minas de carvão, dos zam-puganas, das crianças e de todos seus irmãos negros espalhados pelo mundo, sua voz é plural. Em “Moça das Docas”, por exemplo, Noémia concede voz e escuta para suas iguais em gênero e cor, a fim de denunciar um dos opróbrios mais degradantes da colonização: a prostituição:

Somos fugitivas de todos os bairros de zinco  
e caniço,  
Fugitivas das Munhuanas e dos Xipamanines,  
viemos do outro lado da cidade  
com nossos olhos espantados,  
nossas almas trancadas,  
nossos corpos submissos escancarados.  
De mãos ávidas e vazias,  
de ancas bamboleantes lâmpadas vermelhas  
se acendendo,  
de corações amarrados de repulsa,  
descemos atraídas pelas luzes da cidade,  
acenando convites aliciantes  
como sinais luminosos na noite  
(SOUSA, 2016, p).

Os versos que iniciam o poema relatam a fuga destas jovens para o outro lado da cidade. O verbo fugir, de acordo com o dicionário, significa sair apressadamente de uma situação de perigo. Este perigo é representado pela miséria que assolava os bairros de zinco e caniço, e das Munhuanas e Xipamanines, locais destinados pelo colonizador para separar as populações indígenas do centro de Lourenço Marques.

Estas mulheres são metaforicamente caracterizadas pelo sujeito poético com “olhos espantados”, “almas trancadas” e “corpos submissos e escancarados”. Nos versos “de mãos ávidas e vazias / de ancas bamboleantes lâmpadas vermelhas se acendendo/ de corações amarrados de repulsa”, a reiteração da preposição “de” revela o estado de opróbrio em que elas se encontravam. Cansadas e sem

esperança, elas arrastavam-se em direção às “luzes da cidade”, que lhes acenavam “convites aliciantes”, “como sinais luminosos da noite”.

A segunda parte do poema refere-se à chegada dessas mulheres até as docas, atestada semanticamente pelo verbo “viemos”, que, consubstanciado à repetição das preposições “dos”, “do”, “de” e “da”, nos versos: Somos fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço / Fugitivas das Munhuanas e dos Xipamanines/ Viemos do outro lado da cidade/ Fugitivas dos telhados de zinco pingando cacimba/ do sem sabor do caril de amendoim quotidiano, do doer de espádua todo dia vergadas/ dos vestidos desbotados de chita, da certeza terrível do dia de amanhã” (grifo nosso), delimita semanticamente o lugar que de fato elas pertenciam.

Viemos...  
Fugitivas dos telhados de zinco  
pingando cacimba,  
do sem sabor do caril de amendoim quotidiano,  
do doer de espádua todo o dia vergadas  
sobre sedas que outras exibirão,  
dos vestidos desbotados de chita,  
da certeza terrível do dia de amanhã  
retrato fiel do que passou,  
sem uma pincelada verde forte falando  
de esperança.

O eu lírico denuncia a discrepância entre os dois mundos, discrepância exposta na divisão da cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo, formada pela “cidade de cimento” e pela “cidade de caniço”. Estes termos representam o “mundo compartimentado” a que Fanon tão bem se referiu, no qual “a originalidade do contexto colonial reside em que as realidades econômicas, as desigualdades, a enorme diferença dos modelos de vida, não logram nunca mascarar as realidades humanas” (FANON, 1968, p. 29).

<sup>1</sup> Mestra no programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNEMAT, sob a orientação do Prof. Dr. Isaac Newton Almeida Ramos. E-mail: olivjak115@gmail.com.



Enquanto a cidade do colono é uma cidade sólida, com casas construídas sob pedra e ferro e com luminosidade, a cidade do colonizado é construída com casas de caniço e zinco. Representa a penúria que essas populações viviam. Enquanto o lixo do colono regurgita de sobras desconhecidas, os estômagos dos indígenas, moradores das Munhuanas e Xipamanines, se contentam com “o sem sabor do caril de amendoim”, prato típico que, na ausência de outro alimento, tornou-se cotidiano, perdendo o seu sabor. Enquanto o colono detém todo o poder econômico, estas mulheres dispõem de seus corpos doloridos e vergados “sobre sedas que outras exibirão”. Restam-lhes apenas “os vestidos desbotados de chita”, “da certeza terrível do dia de amanhã”. Um amanhã “retrato fiel do que passou / sem uma pincelada verde e forte”. São mulheres que chegam “falando de esperança”.

Esperança esta que, de forma anafórica, acompanha-as em todo o trajeto: “trouxemos esperança”. Esperança de que a morte, metaforizada pela imagem da “xituculumucumba”<sup>2</sup>, não viesse “em noites infundáveis de pesadelo/ sugar com seus lábios de velha” as paredes vazias de “seus estômagos”. E, “sob o chicote dessa esperança”, esses corpos, outrora envergados em sedas que outras viriam a vestir, transformam-se em “capulanas quentes” que “embrulharam com carinho marítimos nômadas de outros portos”.

Esta atitude das mulheres não alude apenas à colonização, “Mas também uma rompente corporeidade e, sobretudo, uma invocação ao instinto de protecção, quase materno, que muito condiciona a condição feminina” (ALFIERI, 2019, p. 229). Metaforicamente, estes corpos transformam-se em África, invadida e violentada pelo Ocidente. Esta África, que

foi servida “como pão e água para toda a gente”, “saciando generosamente fomes e sedes violentas”.

Para Tzvetan Todorov (2009), a literatura tem o poder de nos revelar verdades desagradáveis. No poema, estas verdades são materializadas na perda de esperança do sujeito poético, reafirmada pela anáfora do verbo “partiu” e metaforizada pelo substantivo “venda”, que, sobre os olhos ignorantes, não permitia àquelas jovens perceberem a ilusão por detrás das luzes aliciantes da cidade.

A esperança desfeita no “olhar enfeitado de mar”, “dos homens loiros tatuados de portos distantes” (figura representativa do colonizador), revela a fatídica realidade dessas mulheres, exposta na assonância da vogal “o” e exibida no desprezo e no asco salivado “das mulheres de aro e oiro no dedo”. Ao retirar a venda, podemos enxergar a realidade ilusória do mundo colonial, uma realidade marcada pela crueldade tilintante das moedas de cobre, substitutas da prata. Conscientes da má sorte que lhes afligia, essas mulheres advinham seu futuro:

E agora, sem desespero nem esperança,  
Seremos em breve fugitivas das ruas  
marinheiras da cidade...

Na terceira parte do poema, observamos o regresso destas mulheres aos telhados de zinco pingando cacimba e ao sem sabor do caril de amendoim. Outrora atraídas pelas luzes da cidade, elas voltam para suas casas:

E regressaremos,  
Sombrias, corpos floridos de feridas  
incuráveis,  
rangendo dentes apodrecidos de tabaco e  
álcool,  
voltaremos aos telhados de zinco pingando  
cacimba,

<sup>2</sup> Entidade do mal que assusta as crianças; bicho papão; o mesmo que ‘psitulumukumba’, criatura maléfica.

ao sem sabor do caril de amendoim  
e ao doer do corpo todo, mais cruel, mais  
insuportável  
[...].

Para Chevalier (1986), a sombra é, por uma parte, a oposição à luz. Por outra parte, ela é a imagem das coisas fugitivas, irreais e cambiantes. Desta maneira, o adjetivo “sombrias”, posto pelo eu lírico, coloca-as novamente como fugitivas. A violência sofrida nas docas é ostentada nos corpos das jovens prostitutas. O paradoxo “floridos de feridas incuráveis” expressa a violência sofrida por essas mulheres, que, no poema, revelam-se como metáfora do continente africano. As feridas expostas nesses corpos são ditas pelo sujeito poético como “incuráveis”. Deste modo, o abuso ultrapassa o físico e se estende para a violência ideológica que inferiorizou o povo moçambicano, partindo de pressupostos patriarcais, etnocêntricos e raciais. O verso “rangendo dentes apodrecidos de tabaco e álcool” revela a destruição total destes corpos. Sem nenhuma esperança, elas voltam à miserabilidade que lhes fora concedida, personificada nos “telhados de zinco pingando cacimba” e no “sem sabor do caril de amendoim”. A dor que antes se limitava a espádua, agora se faz presente no corpo todo, “mais cruel, mais insuportável...”.

No presente, atestado pelo advérbio de tempo “agora”, estas mulheres são preenchidas por um só desejo: que a vida lhes devolva novamente a “esperança”. Este canto de esperança não é apenas o desejo de transformação da vida destas mulheres “mas da Nação Moçambicana, que, em um momento de guerra contra os colonizadores e na luta pela independência, ansiava por um futuro melhor” (VIEIRA, 2018, p. 83).

No verso “para aguardar o dia luminoso que se avizinha”, é projetado um futuro. E, nes-

se futuro, essas moças, metonimizadas como África, serão acariciadas por “mãos molhadas de ternura”. Tais mãos erguerão “seus corpos doridos submersos no pântano”. A expressão “submersos no pântano” simboliza toda a violência sofrida pelos corpos destas moças. A esperança é que o futuro que se avizinha devolva a “dignidade” perdida, para que estas possam novamente enxergar-se como “mulheres”, posto que no contexto colonial, eram consideradas objetos comuns, vistas apenas como força de trabalho ou objeto de prazer do colonizador.

Tendo feito essa breve apresentação dessa grande voz das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, deixo aqui meu convite aos caros leitores, a conhecer o único testamento que temos dessa mulher que tanto fez pelos seus. *Sangue Negro* não é apenas a recolha dos 48 poemas de Noémia de Sousa, é o testemunho de um povo que tanto esperou a paz descer sobre seu campo de luta.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de los símbolos. Editorial Herder. Barcelona. 1986.
- FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- MENDONÇA, Fátima. Moçambique, lugar para poesia. In: SOUSA, Noémia. *Sangue Negro*. São Paulo. Kapulana. 2016.
- MUIANGA, Aldino. Noémia de Sousa: Poeta-combatente, heroína-poeta In: SOUSA, Noémia. *Sangue Negro*. São Paulo. Kapulana. 2016
- NOA, Francisco. A metafísica do grito. In: SOUSA, Noémia, *Sangue Negro*. São Paulo. Kapulana. 2016.
- \_\_\_\_\_. Uns e outros na literatura moçambicana. São Paulo: Kapulana, 2017.
- SECCO, Carmen. Noémia de Sousa, a grande dama da poesia moçambicana. In: SOUSA, Noémia. *Sangue Negro*. São Paulo: Kapulana, 2016.
- SOUSA, Noémia. *Sangue Negro*. São Paulo: Kapulana, 2016.



# Leia também!

Suplemento Literário de Mato Grosso



**LANÇAMENTO**  
EDIÇÃO 73  
FEVEREIRO / 2022

Amazônia Legal (poema)  
**O lado aberto**  
*Eduardo Martins*

**Cores**  
*Jucimar Silva dos Reis*

Carta ao escritor  
**Carta ao escritor**  
**Eduardo Mahon**  
*Walnice Vilalva*

Conto  
**Segredos da terra**  
*Paulo Wagner*

Crônica  
**Mancha**  
*Raquel Naveira*

Ensaio  
**"Essa terra" de Antonio Torres:**  
**regionalismo e identidade cultural**  
*Jocineide Maciel e*  
*Elizabete Nascimento*

Artista Visual Convidado  
*Denilson Baniwa*

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários **PPGEL**

**UNEMAT**  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
Cidade Alberto Arroyo Maldonado

LINK: <https://ppgelunemat.com.br/nodoa-no-brim>

# O COMBATE

**TODOS OS MESES NO SITE PPGEL**

LINK: <https://ppgelunemat.com.br/o-combate>

## Jornal "O Combate"

### Expediente

*O Combate* é um periódico mensal, destinado à publicação de textos de discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). O objetivo do jornal é ser um espaço de fomento à escrita científica no campo da Literatura. Nele, serão aceitos ensaios, críticas, resenhas e artigos de opinião, sendo a temática livre – desde que relacionada com alguma área do saber dos estudos literários.

**Direção geral:** Helvio Moraes

**Equipe editorial:** Helvio Moraes, Luan Paredes Almeida Alves, Adrieli Ferreira Nogueira, Eliane Cristina Chierregatto

**Colaboradora deste número:** Jaqueline Oliveira

**Diagramação:** Umberto Rios Magalhães

**Contato:** [jornalcombateppgel@gmail.com](mailto:jornalcombateppgel@gmail.com)



# UNEMAT

**Universidade do Estado de Mato Grosso**  
**Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino**

Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,  
Tangará da Serra - MT, 78300-000